

o quadro comparativo da teogonia Heliopolitana (p. 15), mais completa do que o normalmente apresentado em publicações semelhantes.

De todas as lendas abordadas no livro, a que merecia um tratamento mais detalhado é a da princesa de Bakhtan (p. 68), apresentado de forma bastante reduzida se comparada com a lenda da conquista de Joppa pelo comandante Djeheuty (p. 65).

É de se lamentar, no entanto, o descuido com que o livro foi traduzido e revisado. A edição brasileira reproduz fielmente o trabalho de capa e as ilustrações da edição anglo-americana (British Museum Publications/University of Texas Press), embora algumas falhas chamem a atenção como, por exemplo, o mapa (p. 6) e o fato de os créditos fotográficos (p. 80) não terem sido traduzidos.

Descuidos de formatação do texto resultaram em erros de ortografia bem como erros nos nomes contidos na tabela da página 55.

Contudo é na tradução que se apresentam os mais numerosos e graves de todos os erros, frutos talvez de um trabalho apressado e descuidado. Como exemplo podemos citar: "Pyramid Texts" (Textos das Pirâmides) foi traduzido por Livro das Pirâmides (p. 12 e seguintes), "game of draughts" (jogo de damas) foi traduzido por Consumo de Bebidas (p. 40). Escolhas mal-feitas no uso de certas palavras esvaziaram simbolicamente a força do texto, como no caso de "Flesh of Re" (a Carne de Rê) que foi traduzido como a Matéria de Ra. O total desconhecimento do tema fica evidente na tradução dos nomes dos faraós, dos deuses e dos períodos históricos que transformou Ramesseum e Ramesside no curioso termo Ramessiânico (p. 39 e 66); e a falta de conhecimento da abreviação AD (*anno domini*), a qual substitui por d.C. (p. 25).

Não bastasse estes descuidos, observações feitas ao texto e não discrimi-

nadas como sendo notas do tradutor, levam o leitor a questões absolutamente irrelevantes, como a tentativa de explicar uma diferença entre Áton e Aton (p. 13) ou a explicação supérflua sobre o ocre (p. 49).

Apesar de todos os problemas de tradução e revisão o livro possui qualidades inegáveis; como a atualidade das informações apresentadas, as explicações introdutórias ao texto, a compilação dos mais importantes textos funerários publicados pela primeira vez no país e as sugestões para leituras complementares.

Não é, a rigor, destinado a especialistas no assunto, pois não é exigido do leitor nenhum conhecimento prévio para compreendê-lo. A sua maior virtude é a de trazer ao leitor brasileiro uma obra atualizada e repleta de informações não disponíveis em língua portuguesa sobre um tema de grande interesse tanto para meios universitários quanto para o leitor comum.

ANTONIO BRANCAGLION JUNIOR  
Pós-graduação de  
Antropologia Social  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

---

TREUIL, R. et alii. *Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze*. Paris, Presses Universitaires de France, 1989, 633 p. (Nouvelle Clio, 1 ter).

---

Temos aqui um trabalho de fôlego realizado por um grupo multidisciplinar de pesquisadores ligados à École Française d'Athènes, que produziu um trabalho que sintetiza todo o conhecimento

da matéria acumulado ao longo de mais de um século de arqueologia egéia. O lançamento desta obra poderia se confundir com o de muitas outras que existem a respeito da Idade do Bronze e do Neolítico do Egeu, escritas praticamente desde o princípio das descobertas em Creta e Micenas, porém ela bem se destaca como uma das fundamentais para o estudo do período, como o foram ao seu tempo *Les Civilizations Égéennes* de Gustave Glotz, *Archaeology of Crete* de John Pendlebury e os extensos estudos nos volumes I e II da *Cambridge Ancient History* (1970). Posteriormente são assinaladas outras publicações que abordaram parcialmente o tema, mas não houve realmente qualquer uma que tratasse do assunto de forma tão completa.

Seguindo o plano geral da coleção, temos inicialmente um corpus bibliográfico exaustivo, que reúne mais de mil títulos, incluindo obras gerais, manuais, relatórios de pesquisas, monografias, artigos, notas, bibliografias e atas de congressos e simpósios, organizados tematicamente e regionalmente, segundo ainda a divisão em quatro partes da obra. Por si só esta vasta bibliografia validaria o trabalho, na medida em que fornece ao estudante ou ao profissional um rol daquilo que existe de mais pertinente nesse campo de estudos.

Temos a seguir uma introdução, composta por uma apresentação do quadro geográfico feito por Lucien Faugères, com uma explanação dos três componentes fundamentais do domínio egeu, avaliando os processos geológicos de formação da bacia do Egeu, bem como as conseqüências que estes tiveram sobre a definição do meio ambiente e sua influência sobre as primeiras sociedades sedentárias. No caso da cronologia os autores foram extremamente criteriosos ao definir os mecanismos de construção das balizas temporais empregadas, com especial referência à questão da cronologia relativa, apresen-

tando três exemplos bem claros da relatividade de tais balizas. O quadro oferecido aqui servirá para os pesquisadores como um instrumento referencial útil, ao reunir todos os elementos disponíveis de forma lúcida (p. 112-113).

A primeira parte, intitulada *Le Néolithique et le Bronze Ancien*, escrita por René Treuil, consiste em uma exposição concisa, dividida em dois blocos, sobre o processo de instalação das primeiras populações na bacia do Egeu a partir do Paleolítico, com uma observação crítica a respeito da existência do Neolítico Final proposto por Renfrew (cit. p. 127), e sobre os mecanismos de transformação cultural que definiram o Bronze Antigo, marcadamente no BA II. Para tal fim, há uma exposição dos problemas relativos à caracterização das sociedades humanas com base em quatro eixos, que será utilizada nos capítulos posteriores com variações menores: 1) os aspectos regionais e a seqüência cronológica, com uma discussão das referências estratigráficas que definiriam a cronologia absoluta e relativa do período estudado; 2) a evolução da civilização, abrangendo as questões de habitação, práticas funerárias, demografia, estrutura social, religião e representações simbólicas; 3) economia e técnicas, incluindo as bases econômicas e as técnicas de produção; 4) as trocas entre diversas regiões e grupos. No caso do Neolítico e do Bronze Antigo, trata-se de uma exposição em boa parte concebida a partir de uma obra anterior do autor, que permanece como o guia mais confiável sobre o período até o momento (Treuil; 1983).

A segunda parte da obra, denominada *La Période des Palais Crétois*, é uma das mais extensas, ao abarcar o Bronze Médio e o início do Bronze Recente, e revela-se uma compilação ampla e detalhada dos indícios e interpretações estabelecidas com respeito a um período extremamente difícil da história

do Egeu, enfocando os processos de formação de culturas em Creta e ao largo do continente e das ilhas, com destaque especial à problemática da constituição da sociedade minóica palacial, ainda palco de discussões e polêmicas contínuas.

A partir do Bronze Médio temos em Creta uma divisão do seu território em províncias centradas nos palácios existentes em cada região, índice de uma nova organização social, econômica e política, com a implantação de núcleos populacionais em ilhas vizinhas, a organização administrativa, econômica e política fundada em registros contábeis e a aparição de culturas regionais identificadas pelos seus estilos decorativos. A definição deste primeiro período palacial, ou protopalacial, foi baseada na instalação de um novo regime político e econômico, fundado na centralização das atividades em núcleos palaciais, sedes de regiões ainda não muito precisas, com um sistema de registro contábil e administrativo similar ao mesopotâmico. Seu fim, por volta do MM II - MM III, não está claramente explicado, porém se descarta a hipótese de intervenção externa. No entanto é certo que no MR I temos a presença de novos elementos manifestos na cultura minóica, com o florescimento de uma arquitetura e de uma produção artesanal inovadora.

O capítulo seguinte, escrito por Jean Pierre Olivier, é dedicado à escrita. *Les Écritures Crétoises* é um panorama claro e detalhado dos sistemas de escrita minóicos do período acima, avaliando a documentação existente e seus limites, com um pequeno histórico do hieroglífico e do Linear A, abordando suas funções e relações com a glíptica, bem como o problema da coexistência do Linear A e do hieroglífico. Infelizmente a arqueologia ainda não pode nos oferecer senão a decodificação dos sinais desta escritas, na medida em que a lín-

gua permanece desconhecida para os estudiosos.

Em *Le Bronze Moyen hors de Crète* Gilles Touchais expõe as diferentes vias que seguiram o continente e as Cíclades neste período, com um relativo retraimento do primeiro cujas razões permanecem mal explicadas ou obscuras, e uma rápida progressão cultural das ilhas, aparentemente na medida em que se estreitam os laços com a civilização minóica protopalacial.

Por fim esta segunda parte se encerra com os capítulos *Le Bronze Récent en Crète* e *Le Bronze Récent hors de Crète*. O primeiro forma um quadro amplo e circunstanciado da civilização minóica neopalacial, destacando os papéis do palácio e da "villa" como vetores de mudanças sociais e culturais desta civilização, no período que se denomina correntemente como o seu apogeu, com a centralização política, religiosa, econômica e tecnológica nos palácios, que apresentam modificações em seu traçado e composição que o tornam radicalmente distinto dos anteriores pela incorporação de tais funções, com uma articulação dos espaços regionais agora fixada em torno de uma estrutura palacial dominante em Cnossos. Ainda que não exista um acordo quanto aos princípios e mecanismos de tal organização, lacuna conseqüente da ausência de dados, esta hipótese permanece a mais aceitável e coerente com os indícios. No segundo capítulo, observamos ao mesmo tempo processos distintos de formação das sociedades complexas no continente e nas ilhas, com uma influência de Creta em ambos os casos, marcadamente forte nas Cíclades e restrita no continente quase que apenas às manifestações artísticas. No continente se observa um crescimento demográfico acentuado ligado à aparição de centros de poder ("principados") de acordo com as informações obtidas pelo estudo das tumbas, ainda o recurso mais utilizado

para o estudo desse período no continente. Já para as ilhas as poucas informações não permitiriam uma identificação da organização social e política embora alguns autores sugiram a existência de pequenas cidades-estado autônomas (Davis; 1984).

Finalmente é abordado um dos temas controversos para o pesquisador da área, o papel da erupção do vulcão de Santorini na destruição da civilização minóica neopalacial e em suas consequências no final do Bronze Recente, com uma conclusão que aponta para eventos outros que não esta erupção como causas prováveis das destruições extensas do fim do período neopalacial.

A terceira parte é exclusivamente dedicada à civilização micênica. *Le monde Mycénien et ses marges*, expõe as condições de formação da civilização micênica, com uma boa introdução ao alcance e natureza dos documentos em Linear B existentes, dado que constituem uma das fontes primordiais de informação sobre esta civilização desde o momento de seu deciframento na década de 50. Para aquele que se introduz ao estudo desse sistema de escrita trata-se de uma apresentação rica e meticulosa com destaque para as discussões sobre as relações entre o dialeto micênico, o proto-indo-europeu e o grego (p. 401-410).

Seguem-se dois capítulos referentes à história e a cultura do mundo micênico, escritos por Pascal Darcque, que mostra a repentina expansão pelo Mediterrâneo empreendida pelos micênicos, concomitantemente à queda dos palácios minóicos do MR I, com a realização de extensos contatos econômicos nesta área para suprir seus centros palaciais, porém sem o exercício de um controle político efetivo sobre a mesma, com exceção de Creta, onde Cnossos se manteria como um centro micênico até o fim do século XIII a.C. A destruição violenta, o incêndio e o abandono dos

grandes centros palaciais no HR IIIB são fatos estabelecidos, porém para o autor não se pode ir além de especulações até o momento quanto às causas de tais eventos. No entanto é perceptível que não houve o desaparecimento da cultura micênica após este período, apenas do sistema político e econômico palacial, desde que outras manifestações culturais micênicas permanecem presentes no HR IIIC. Entre as hipóteses de invasões externas, conflitos internos e fatores naturais, as causas destas destruições permanecem desconhecidas pelos arqueólogos.

Um capítulo complementar aos anteriores lida com a Creta micênica, centrando-se inicialmente no palácio de Cnossos, o único reconstruído e reocupado após as destruições de 1450 a.C., sugerindo uma manutenção da situação predominante no neopalacial sob nova administração e organização política. Notaremos que o autor, Jean-Claude Poursat, é cuidadoso ao defender a persistência de elementos da cultura minóica neste período, particularmente na religião, ainda que a influência micênica seja gradualmente maior na cultura material cretense.

Um capítulo à parte, escrito por René Treuil, é dedicado ao Bronze Recente na Macedônia e na Trácia, duas regiões pouco conhecidas pelos pesquisadores até bem recentemente, cujas informações são de proveniência exclusivamente arqueológica. O desenvolvimento das culturas no Bronze Antigo e Médio as situa no conjunto balcânico, tendo sinais de influência micênica apenas a partir do HR IIIC e de forma muito restrita. Tal apresentação sugere que esta parte do mundo egeu pode se mostrar como um terreno fértil para futuras explorações, na medida em que abarca uma fronteira apenas recentemente tocada pela arqueologia egéia.

A última parte da obra, *L'Héritage mycénien: continuités et ruptures*, se

constitui sobre dois eixos distintos: o primeiro referente ao problema da língua e da escrita, explicitando a relação entre o dialeto utilizado nos tabletes em Linear B e o grego antigo, através da língua e da estrutura das epopéias homéricas, onde se estabeleceria uma sequência do micênico para o eólio e o jônio.

O segundo eixo se situa sobre as outras manifestações culturais micênicas, partindo da idéia de que a destruição dos palácios micênicos constitui o fim de um sistema e não de uma civilização (p. 585). Com tal observação, Haignanuch Sarian principia uma reflexão objetiva sobre alguns dos aspectos mais pertinentes da civilização micênica e da sua persistência no período posterior, notadamente quanto às práticas funerárias e à existência de santuários e divindades cujas raízes remetem a um substrato micênico que não se extinguiu no século XI a.C., mas que se assumiu novas formas no protogeométrico e no geométrico.

Tais comentários não chegam a resumir a extensão e o alcance desta obra, que acreditamos ser uma referência necessária para aquele que queira estudar a Idade do Bronze Egéia, na medida em que possibilita ao leitor uma compreensão criteriosa do período em questão, no que se incluem certos aspectos pouco comentados em estudos dessa natureza, como é o caso do quadro geográfico de Lucien Fougères (p. 81-109) e do capítulo referente ao Bronze Recente na Macedônia e na Trácia, de René Treuil (p. 556-566).

#### Referências Bibliográficas

TREUIL, R. - *Le Néolithique et le Bronze Ancien Égéens*. Paris, De Boccard, 1983.

DAVIS, J. - Cultural innovation and the minoan thalassocracy at Ayia Irini, Keos. In: HAGG, R. e MARI-

NATOS, N. (eds.) - *Minoan Thalassocracy: myth and reality. Proceedings of the 3rd International Symposium at the Swedish School of Athens*. Stockholm, Paul Astrom, 1984, p. 159-166.

ÁLVARO H. ALLEGRETTE  
Pós-Graduação em  
Antropologia Social  
Departamento de Antropologia  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

---

LAFFINEUR, Robert (ed.) *Thanatos - Les Coutumes Funéraires en Égée à l'Âge du Bronze*. Actes du Colloque de Liège (21-23 avril 1986). *Aegaeum* (Annales d'Archéologie Égéenne de l'Université de Liège) 1, 1987, 245p, 59 pranchas.

---

Como o próprio título diz, o Colóquio de Liège foi dedicado aos costumes funerários egeanos durante a Idade do Bronze. Também comemorou, apesar do atraso de dez anos, o aniversário das descobertas de Henri Schliemann em Micenas (1876).

O tema abrange um domínio geográfico bem amplo e dois milênios de evolução cultural. Assim, também estão presentes o Neolítico, período que antecede, bem como o Submicênico, período subsequente, no âmbito cronológico. Geograficamente, foram incluídos trabalhos sobre Chipre, onde foram abarcadas suas relações com o Egeu e o Oriente, com a Babilônia para uma abordagem metodológica. Aí, além dos recursos arqueológicos, podem ser utilizadas as fontes escritas literárias já que, no âmbito da Idade do Bronze na